



JOSÉ//URUTAU//GUAJAJARA: AVE FANTASMA

Regina de Paula

Depois de Freud, Saussure e Jakobson também indicarão que todo texto poético é comandado por um pretexto que o induz: “(...) Assim chega-se a esta conclusão, implícita em toda pesquisa de Saussure, de que as palavras da obra são oriundas de outras palavras precedentes”.

Starobinski apud Kofman¹

Fui convidada por Lucas Sargentelli para participar deste dossiê sobre a Aldeia Maraká'nà com a proposta de estabelecer uma troca com um dos seus integrantes. De imediato propus que fosse com José Urutau Guajajara, pois venho, desde 2017, pensando a Aldeia por meio de meus diálogos com ele e também por sua parceria em minhas proposições artísticas naquele território.

O que me levou à Aldeia já foi tema de outro ensaio, e seu precedente é geograficamente longínquo, uma visita à cidade de Jerusalém. Ao retornar, numa complexa digressão, me voltei para questões fundadoras de nossa cultura. Em consequência disso, o último texto que escrevi intitula-se “De Jerusalém ao Rio de Janeiro (ou Do Santo Sepulcro à Aldeia Maraká'nà)”.² Por incrível que pareça, foi a partir dos trabalhos realizados pós-Jerusalém que comecei a me interessar pela questão indígena; uma coisa levou a outra.

Eu não tinha uma ideia preconcebida da Aldeia Maraká'nà e, se inconscientemente tivesse alguma, certamente não coincidiria com o que encontrei. A Aldeia não se oferece de imediato; é muito fácil sair dali com uma ideia equivocada, pois você não irá encontrar nada da aldeia típica que habita o nosso imaginário ocidental. No entanto, se você se dispuser a permanecer, habitar, certamente será de algum modo transformado. Encontrar José Urutau Guajajara, a liderança da aldeia, foi fundamental para minha experiência.

A história da Aldeia já é conhecida, mas destaco, dentre as suas ações, o combate àquilo que o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro chama de isolamento subjetivo. Diferentemente do “isolamento objetivo”, dos povos isolados, o “subjetivo que é o afastamento em relação a si mesmo”, é gerado pelo contato, voluntário ou não, com outra civilização.³ A Aldeia possibilita o que o autor coloca como o desafio do contato: “gerir e controlar tal transformação”. As atividades que ali já vigoram, por meio do projeto da Universidade indígena Pluriétnica Aldeia Maraká'nà, promovem o resgate da cultura ancestral numa abordagem não estereotipada, idealizada, nos oferecendo um novo modo de pensar as nossas relações de alteridade.

Regina de Paula. Foto Wilton Montenegro



Regina de Paula. Foto Wilton Montenegro

A Aldeia Maraká'nà vem transformando meu trabalho, propiciando o estabelecimento de novas parcerias. Uma delas, não inteiramente nova, é com Wilton Montenegro, fotógrafo artista com quem já venho trabalhando há mais de 20 anos. A novidade é que agora dividimos a autoria do curta *José//Urutau//Guajajara: 1. Ave fantasma*, que pretendemos desdobrar em novos projetos, e que está atualmente em exposição no Museu de Arte do Rio (MAR). Nesse caso, Wilton é também um precedente. Essa autoria compartilhada implicou um deslocamento de nossas posições, na necessidade de criação de pontes de comunicação não apenas entre nós, mas com toda a equipe.⁴ Feito com a cara e a coragem, o vídeo envolveu o dese-

jo e o esforço de grande parte do coletivo da Aldeia. Este texto celebra alguns desses momentos.

No precedente, porém, algo mais tem de acontecer para que um trabalho se realize, algo precisa “atropelar”, se impor. Por exemplo, eu estava estudando, preparando uma aula, e, ao ler as palavras de Starobinski citadas no início do texto, comecei a pensar em minha relação com a Aldeia e fui “atropelada”; tive que interromper meu estudo para começar a escrever este ensaio, assim, sem planejar. O precedente cria o contexto e o “atropelamento” a urgência, pelo menos para mim.

Voltemos, entretanto, a José; por que ele? Em outro texto declarei que as ideias, para mim, caem,

são como encarnações, despencam.⁵ O precedente, como tal, já está aí e num dado momento age. Meu encontro com a Aldeia via José despertou essa urgência de fazer, de participar, colaborar e realizar novos trabalhos, tudo entrelaçado. Meu precedente, para esse encontro foi também o pajé Korubo, que encontrei pela primeira vez com um grupo da Aldeia, realizando um ritual durante uma manifestação em 2017. Eles empunhavam uma faixa em que se lia “Universidade Aldeia Maraká'nà”. Fiquei atíçada e quis conhecer tal Aldeia.

Não é possível falar da Aldeia ou de Urutau sem mencionar outras vozes, outros povos, pois se trata de uma Aldeia pluriétnica e, portanto, a Aldeia que José representa para mim se desdobra numa grande diversidade de corpos e vozes. O que se segue são extratos de alguns dos muitos depoimentos que Wilton Montenegro e eu colhemos desde meados do ano passado até abril deste ano, buscando uma livre interlocução entre José e alguns integrantes da Aldeia, organizadas em três pequenos diálogos. Algumas destas falas integram o curta mencionado.

Os Tenetehara para dar o nome, ele não pode ser dado logo no início quando nasce, porque não tem ainda um semblante, não tem ainda alguma coisa que pareça, nem um animal, nem uma árvore, uma ave, nada ainda (...). Então o Urutau foi dado pelo meu avô porque certamente eu parecia e às vezes cochilava de dia mesmo, então o Urutau ele é a ave fantasma que fica se camuflando de dia, por isso acharam que eu parecia com urutau. O José pela dominação capuchinho naquela região, (...) e o Tenetehara Guajajara por ser o sobrenome da etnia do meu povo.

A história dos Tenetehara tem um divisor de águas (...). Os Tenetehara antes de 1901 e

os Guajajara pós-1901, pós-Caiuré. Antes de Caiuré e depois de Caiuré. Quando houve o massacre em 1901 e que levaram o meu bisavô, o Caiuré pra cadeia de Barra do Corda, ele ainda demorou dois meses tomando porrada, apanhando, apanhando, apanhando, até que ele morreu sem comer, morreu inchado de tomar porrada (José Urutau Guajajara).

Eu gostaria de contar uma experiência que eu tive que tem a ver com o Zé Urutau que eu conheço desde de 2011 (...) do dia em que realmente vi o poder de Caiuré na minha frente. (...) nós estávamos aqui na Aldeia Maraká'nà e começamos a ver a fumaça, não sabíamos o que que era (...) e aí quando ficamos sabendo finalmente que era no Museu Nacional, o Zé entrou em desespero, (...) As portas da Quinta da Boa Vista não estavam abertas para gente, isso era de noite. Então nós tivemos que pular o muro, né? (...) e, para nosso azar, o sinal fechou bem na hora que a gente ia pular (...) E eu já tava assim esperando, pensando, (...) eles vão chegar na gente e vão levar todo mundo preso. (...) Pra meu espanto, aquela viatura ficou o tempo todo parada lá até abrir o sinal, mas eles não nos viram. (...) aquele lugar não é lugar de circulação de pessoas, as únicas pessoas que estavam ali do lado da viatura eram a gente, né? (...) Mas a única explicação que eu consegui achar para isso, eu falei até para Mery, (...) é a força de Caiuré, ele deixou a gente invisível para que conseguíssemos chegar ali no nosso destino. (...) E aí chegou o momento que tava um cerco mesmo, (...) eles estavam botando fita, estavam ali tipo fazendo cordão de isolamento e o Zé que estava do nosso lado, ele passou andando, pelo meio, tipo passou o cordão de isolamento assim, como se eles não pudessem

vê-lo mesmo. (...) O polícia me viu, mas não viu o Zé (Daniel Tutushamum Puri).

E o Zé simplesmente seguiu caminhando. E aí o desespero dele, (...) ele não parava de falar sobre tudo que tava sendo perdido, sobre a história indígena daquele lugar. Porque o segundo andar daquele prédio, né Zé, era todo de acervo indígena e então, como o Zé é linguista, e isso, óbvio, move muito ele, ele não parava de falar sobre todos os povos que estavam sendo extintos ali naquelas chamás, porque os únicos registros que tinham sobre eles eram as suas línguas, que foi tudo queimado. E aí a importância desse dia foi porque nós pudemos presenciar a manifestação de Caiuré Imana realmente junto com o Zé Guajajara (Mery Txâma Xambé Puri).

A Aldeia Maraká'nà, ela se tornou um símbolo não só da resistência, mas um símbolo da autoafirmação (...) As pessoas indígenas ou não indígenas (...) vêm pra Aldeia Maraká'nà de certa forma, inconsciente ou conscientemente, de buscar sua ancestralidade buscar sua etnicidade, buscar a sua afirmação étnica (J.U.G.).

Meu nome é Júlia, eu sou do Povo Xavante. Em xavante o meu nome é Wautomohinho. (...) No ano de 2015 eu comecei a procurar a cultura indígena para trabalhar em sala de aula (...) Então, teve um evento que eu conheci a Mônica, a Potyra, o Zé, e a Marise e a Sandra, que era uma mesa de mulheres indígenas. Eu falei assim: nossa! achei, né? Enfim, elas existem! (Julia Muniz-Xavante).

E essa pesquisa não é da noite pro dia, a pessoa não vai se afirmar da noite pro dia. É um trabalho longo, é um caminho sem volta

que eu digo: olha você vai entrar num caminho sem volta, não pode mais voltar. (...) e esse caminho pode durar anos e anos e anos e, às vezes, até a vida inteira. Por isso muitos não indígenas vêm pra Aldeia Maraká'nà e ficam (J.U.G.).

E aí, à procura desse "indígena" do Rio de Janeiro acabei me encontrando indígena. Porque eu sabia que meu pai tinha origem indígena, mas contam pra gente sempre que os indígenas que estão na cidade não são indígenas; então você acaba até acreditando nisso, né? (...) E aí eu conheci Dinante, Dinante é xavante (...) ao me aproximar dele acabei chegando na aldeia [xavante] e na aldeia eu fui adotada como xavante. Só que a gente aqui na cidade quando é adotado você acha assim, que é por consideração (...) Só que na cultura xavante, quando você é adotado você realmente vira família, né? (...) eu não sei a minha origem realmente genética. Mas quando eles me adotaram, já ficou mais fácil para mim (...) Porque quando nós chegamos na aldeia e reconhecemos as pessoas como familiares, que você vê a sua prima, a sua tia, e você olha assim: nossa mas eles são tão parecidos com a minha família, né? (...) o que é mais interessante é que eles veem você como família (...) não é se reconhecer, é ser reconhecido. E aí eu passei a trabalhar isso nas salas de aula com os alunos, de uma forma mais incisiva, e levar essa voz indígena para dentro da escola porque nenhum outro professor fala sobre isso, porque ele não tem conhecimento (J.M.-X.).

A resistência indígena (...) aqui na Aldeia Maraká'nà (...) é referência pra todas as populações indígenas do Brasil; é uma referência em nível nacional e internacional (...) para ver como é que indígenas nesse contexto urbano



Regina de Paula. Foto Wilton Montenegro

sobrevivem e mantêm a sua luta preservando seus costumes, línguas e tradições. Então, hoje na Aldeia Maraká'nà nossa luta também é para manter as nossas línguas, costumes e tradições de cada povo, de cada etnia. Hoje, o xavante aqui na Aldeia Maraká'nà, ele mantém a língua xavante, a cultura xavante. O Tenetehara Guajajara mantém o ze'egete (...) o ashaninka também. Então nossa luta hoje é que os parentes que vêm para o Rio de Janeiro, Aldeia Maraká'nà, mantenham sua cultura, seus costumes e tradição (J.U.G.).

(...) o povo puri foi anteriormente declarado extinto, nós somos alguns dos povos indíge-

nas que foram considerados completamente exterminados (...) então há mais ou menos dez anos começamos um movimento de encontrar os Puri, de fazer contato com essas pessoas que vêm desse povo e que estão dispersas, porque nós não temos aldeia, nós não temos mais um lugar de referência (...) Na cidade do Rio de Janeiro, a Aldeia Maraká'nà foi o primeiro espaço que a gente pôde chamar de nosso (...). Então, é importante dizer assim que esse trabalho (...) dos Puri procurarem os seus parentes dispersos por aí (...), o trabalho de pesquisa da língua puri, que deixou de ser falada, mas que existem registros dela, e nós procuramos revitalizar essa língua, no que diz

respeito aos Puri presentes nessa cidade, começamos na Aldeia Maraká'nà (D.T.P).

Para os Puri presentes aqui na cidade do Rio de Janeiro, foi aqui na Aldeia Maraká'nà que voltamos a viver a identidade de forma coletiva; aqui foi onde pela primeira vez um canto ancestral foi feito em nível de povo, aqui nós, puris do Rio de Janeiro, começamos a retomada de nossa língua a partir da prática dos cantos (M.T.X.P).

(...) o certo é que cada povo que passou por aqui deixou a sua carga de espiritualidade. Olha, por aqui passou Raoni, por aqui passou o Tabata-xinguano, por aqui passou várias vezes o Sapaim, o grande pajé Sapaim. Tivemos a honra, Sapaim foi a Tomás Coelho, Sapaim foi à minha casa, Sapaim passou por aqui várias vezes, então nós tivemos a honra de receber aqui para além do Raoni, o grande pajé Sapaim (J.U.G.).

Por volta do ano 2000 a nós procurávamos um espaço que tratasse de políticas públicas para a questão indígena (...). O Museu do Índio só queria saber do índio xinguano, do índio ideal, aquele índio que contaram nos livros. E nós éramos indígenas nesse contexto urbano, estudando, discutindo política pública, exigindo direitos. E os indígenas do Museu do Índio, quando iam, quando não era só de foto, retrato e filme, era o indígena tutelado que não cobrava nada disso, não tinha esse tipo de cobrança. Nós não, nós começamos a cobrar isso (...), e aí várias pessoas foram falando: olha, tem o antigo Museu do Índio que está abandonado lá no Maracanã. Foi aí que despertou a nossa vinda para cá (J.U.G.).

E é um espaço onde se cultiva justamente a autonomia desse território, um espaço onde se cultiva um modo de relação dos povos com a sociedade, diferente, não mais daquele pobre coitado, daquele incapaz como era visto, mas como sujeito autônomo, que é o indígena hoje em dia, que é capaz de se relacionar inclusive com a sociedade ocidental, sem precisar de intermediários sem precisar de indigenistas (...). A gente precisa se defender não só com nossos arcos e flechas, mas também com conhecimento e o conhecimento do branco também. Então a gente está na Aldeia Maraká'nà com essa proposta de com a universidade indígena conseguir fazer esse contato de maneira que nós não sejamos, como somos atualmente quando vamos para universidade do branco, um sujeito secundário que fica no canto ali perdido na multidão e sem direito a realmente ter um protagonismo (Dário Jurema Xukuru).

Nós temos essa ideia de não se ater a fronteira, então a ideia de Universidade ela tem a ver tanto com a pluralidade de agentes envolvidos como tem a ver também com a pluralidade de ações que são entendidas como educacionais (D.T.P).

(...) aqui a gente está cultivando uma nova forma de enxergar, de produzir conhecimento do nosso próprio ponto de vista, nossa perspectiva (...) então esse é um projeto que é ameaçador do status quo dessa sociedade como está colocado aí, dessas relações colonizadas, e a gente questiona isso, bate de frente e incomoda muita gente (D.J.X.).

Durante o III Congresso Intercultural de Resistência dos Povos Indígenas e Tradicionais do Maraká'nà (Coirem 2018), José lembrou que, na eminência da invasão da Aldeia pelas tropas do

então governador Sérgio Cabral, há exatos cinco anos daquela data, uma jornalista lhe perguntou:

– *Guajara Urutau, tu não tem medo de morrer?*

Eu disse não, não, Caiuré foi assassinado em 1901, você não pode matar Caiuré, não podem mais matar Caiuré, Caiuré foi assassinado.

(...)

– *E vocês indígenas o que farão para defender isso aqui?*

Eu falei para ela, vou te responder com outra pergunta: nós da resistência sabemos o que nós estamos defendendo, nós indígenas sabemos por que nós estamos aqui, a resistência sabe por que está aqui dentro, e vocês enquanto representantes da comunicação e dos não indígenas e da sociedade, não só do Rio de Janeiro, mas do Brasil, o que farão para defender isso aqui? (J.U.G.).

NOTAS

1 Kofman, Sarah. *A infância da arte: uma interpretação da estética freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996: 47.

2 Paula, Regina de. De Jerusalém ao Rio de Janeiro (ou Do Santo Sepulcro à Aldeia Maraká'nà). In: Castro, Maurício Barros de (Org.). *Arte e cultura: ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019, p.30-39. No prelo.

3 “Os povos em isolamento voluntário são aqueles que escolheram, tanto quanto a história o permitiu, o isolamento objetivo de preferência ao isolamento subjetivo que é o afastamento em relação a si mesmo criado pelo contato e a consequente necessidade de compor politicamente com uma outra forma

de civilização, organizada segundo princípios incompatíveis com os que regem as civilizações nativas”. Viveiros de Castro, Eduardo. Brasil, país do futuro do pretérito (aula inaugural do CTCH, PUC-Rio, 14 de março de 2019: 8-9). Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.files.wordpress.com/2019/05/brasil_pais_do_futuro_do_preterito.pdf>. Acessado em 7 jun. 2019.

4 A equipe incluiu na fotografia, além de Wilton e eu, Fabiano Araruna e Marcus Moura; no som direto, Vitor Krutner; e, na pós produção, Amanda Devulsky como diretora assistente e roteirista, Rodrigo Lima e André Parente como editores de imagem.

5 Paula, Regina de. No caso. *Revista VIS*, Brasília, v. 14, p. 51-61, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.unb.br/index.php/revistavis/issue/view/1553>>.

Regina de Paula é artista, professora adjunta do Instituto de Artes da Uerj e integra a linha de pesquisa *Processos Artísticos Contemporâneos do PPGartes*. Seus trabalhos mais recentes, os curtas *José//Urutau//Guajajara: 1. Ave Fantasma*, em parceria com Wilton Montenegro, e *Teko Haw Brasil*, sobre uma ação realizada na Aldeia Maraká'nà, em 2018, integram a exposição *O Rio dos Navegantes*, no Museu de Arte do Rio (MAR). Sua última individual foi *Diante dos olhos, os gestos*, no Paço Imperial, Rio de Janeiro, em 2016. No mesmo ano lançou o livro *Sobre a areia*, em coautoria com Marcelo Campos.